

## ETHOS EM MEMES DA COMUNIDADE SURDA

## ETHOS IN MEMES OF THE DEAF COMMUNITY

Maria Kérsia da Silva Dourado<sup>1</sup>  
Cellina Rodrigues Muniz<sup>2</sup>

**Resumo:** Tendo em vista que o humor se faz presente no cotidiano humano em meio a diversos tipos de linguagens e gêneros discursivos e que, nas redes sociais, a popularização de memes se constitui como importante difusor cultural, neste trabalho, analisamos as projeções *ethoicas* em memes produzidos pela comunidade surda, a partir do viés metodológico da Análise do Discurso francesa, com respaldo em Maingueneau (2008, 2020). Motivadas pelo interesse em investigar as produções de discursos enraizadas na e pela comunidade surda, quatro memes da Internet constituem material de análise. O resultado das investigações evidencia a atuação de forças heterogêneas que perpassam as relações sociais na e da comunidade, e são por elas perpassadas. Essas forças espelham nas materialidades discursivas determinadas constituições *ethé* em dois níveis: (1) no sentido de cristalizar o ideário de uma identidade cultural; (2) no sentido de configurar as relações comunitárias de forma mais frágeis, híbridas e subversivas.

**Palavras-chave:** Memes. Cenas de enunciação. *Ethos*. Comunidade surda.

**Abstract:** Considering that humor is present in human daily life in the midst of different types of languages and discursive genres and that, in social networks, the popularization of memes constitutes an important cultural diffuser, in this work, we analyze the *ethoicas* projections in memes produced by the deaf community, based on the methodological bias of French Discourse Analysis, supported by Maingueneau (2008, 2020). Motivated by the interest in investigating the production of discourses rooted in and by the deaf community, four Internet memes constitute material for analysis. The result of the investigations shows the performance of heterogeneous forces that pervade the social relations in and of the community, and are permeated by them. These forces mirror in the discursive materialities certain constitutions *ethé* on two levels: (1) in the sense of crystallizing the ideas of a cultural identity; (2) in the sense of configuring community relations in a more fragile, hybrid and subversive way.

**Keywords:** Memes. Enunciation scenes. *Ethos*. Deaf community.

### Introdução

Desde o início do século XIX, as pessoas surdas se organizaram de forma a construir relações comunitárias por meio de interesses em comum, e de vários modos, interagem para

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professora Auxiliar da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó – FELCS/UFRN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3927530392741803>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-1916-1686>. E-mail: [kersiadourado@gmail.com](mailto:kersiadourado@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC, com pós-doutorado em Linguística pela Universidade de Campinas – UNICAMP. Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3344414293603633>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7180-1994>. E-mail: [cellina979164@gmail.com](mailto:cellina979164@gmail.com).

alcançar estes objetivos. A defesa da língua de sinais foi um dos principais elementos aglutinantes dessas conexões. Sendo assim, seus membros se reconhecem como uma comunidade linguística (FELIPE, 2011) ou em sua expressão mais usual, como comunidades surdas.

Com o advento e difusão da Internet, as comunidades surdas apoderam-se das possibilidades de organizar as conexões em rede por meio de plataformas de comunicação – a exemplo das redes sociais Facebook e Instagram. Em razão disso, é possível observar diversos perfis de grupos surdos em ambientes virtuais, que postam conteúdos diversificados e moldam as relações cotidianas de seus inscritos.

O humor é uma característica presente também nas interações surdas, nas palavras de Sutton-Spencer (2021, p.123), “o humor surdo ensina os surdos a pertencerem a sua comunidade e a se comportarem dentro dela, reforçando e desafiando os seus comportamentos”. Apesar de o humor poder se encontrar em todos os gêneros discursivos, nosso foco, neste trabalho, são os memes, gêneros digitais largamente utilizados na contemporaneidade, já que os indivíduos que os elaboram fazem-no a partir de um interesse comunitário, tendo em vista a adesão do público surdo e a rápida disseminação da mensagem através da Internet.

No humor surdo, os memes são mais uma forma de construção dos laços sociais, montados ironicamente pelo enunciador através de eventos, práticas situadas (o que sugere referências ao modo de organização cultural dessa comunidade), esses gêneros do discurso disseminam significados e convidam os coenunciadores a participarem de um jogo de sentidos.

A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso francesa, com respaldo em Maingueneau (2008, 2020) sobre *ethos*, analisamos alguns memes produzidos e destinados para comunidades surdas. Parte-se, pois, do pressuposto de que se trata de enunciados que se produzem e circulam em *comunidades discursivas* específicas, na medida que “falar em comunidade discursiva é afirmar que, por um movimento de envolvimento recíproco, a comunidade é cimentada por discursos que são produto dessa mesma comunidade” (MAINGUENEAU, 2008, p. 45). Os memes analisados neste artigo, assim, são considerados, acima de tudo, como uma forma de enunciação que garante (ou tenta garantir) um elo identitário.

A propósito dessa relação entre enunciação e comunidades discursivas, sobre memes de internet, lembramos ainda Wiggins (2019, p.11), que os define como uma mensagem remixada e iterada, que pode ser rapidamente difundida por membros da cultura digital participativa para diversos propósitos. Logo, os participantes são atravessados pelo contexto ideológico e histórico de sua comunidade, implicando lugares de fala e de pertença, e enuncia fazendo uso do humor, ou seja, utilizando algumas estratégias próprias de práticas discursivas humorísticas (POSSENTI, 2010). Assim, como veremos, os memes, além de estabelecerem laços identitários, fazem isso com a finalidade de divertir, criticar, debochar, entre outras intenções consoante às experiências comunitárias.

## 1 Algumas considerações teóricas: ethos e cenas de enunciação

Como resultado da complexidade vivencial, interativa e social na qual estamos imersos, por meio de amplas formas de linguagem podemos compartilhar significados, influir sobre o outro e elaborar diversas formas de mostrar e ou dizer uma ideia, uma emoção, uma imagem etc. Consequentemente, ao se posicionar sobre determinado conteúdo, o enunciador cruza seu dizer com dizeres outros e constrói (estrategicamente ou não) uma imagem de si à qual se atribui a designação de *ethos*, uma noção discursiva, interativa e híbrida (atrelada tanto a uma situação específica como a fatores social e historicamente determinados) (MAINGUENEAU, 2008, p. 63).

Assim, o *ethos* está necessariamente relacionado a *cenas de enunciação*, isto é, a maneira como os enunciados são “encenados” para os coenunciadores, o que pressupõe considerar os tipos de

discurso (se político, se literário, se religioso etc.), os gêneros de discurso (se um decreto, se um poema, se um sermão etc.) e também as cenas que são mostradas diretamente ao coenunciador, o que se denomina *cenografia* (MAINGUENEAU, 2008).

Tomando como ponto de partida as cenas enunciativas (MAINGUENEAU, 2008) em memes imagéticos, o *ethos* se manifesta do seguinte modo geral: observa-se a construção da imagem de um sujeito que se mostra em cenas humorísticas de acordo sua composição visualmente remixada, mostrando uma cenografia capaz de convocar um tom *ethoico* irônico, crítico ou mesmo um *ethos* representativo de uma cultura coletiva (mais coerente com as maneiras de falar pertencentes à determinada comunidade).

Por um lado, as projeções de *ethos* no *corpus* estudado, em particular nos memes analisados na seção 3.0, podem levar a diversas formas afinadas até dispar nas caracterizações, considerando o *ethos* do locutor *representante* e o *ethos* das figuras personagens *representados*, um encaixado no outro. “Nesse caso, o *ethos* representado interage com o *ethos* representante, segundo modalidades que variam em função do tipo e do gênero de discurso relacionados, mas também do posicionamento dos autores” (MAINGUENEAU, 2020, p. 33).

Esse conceito de *ethos* encaixado é apresentado por Maingueneau (2020) em seu livro *Variações sobre o ethos*, que ele exemplifica analisando peças teatrais e obras literárias. Neste trabalho, fazemos essa articulação com os memes analisados, particularmente pelo encaixe de um *ethos* representado em outra enunciação, em função do movimento recíproco entre a linguagem verbal e a linguagem não verbal. Aparentemente, o *ethos* das figuras personagens só se mostra em relação com o *ethos* representante do narrador. Mas, ao contrário do exposto por Maingueneau (2020) sobre o *ethos* de um “arqui-enunciador” invisível, que não fala, nos memes da seção de análise, o *ethos* do enunciador/narrador/locutor é visível no ato enunciativo, e os estereótipos que o ativam são modos de falar de uma comunidade social.

A interação entre ambos os *ethé*, dos personagens e do narrador, também se desdobra em função da posição experiencial e política do(s) autor(es), isto é, em função do lugar de onde se fala e para quem se fala (a comunidade surda), que, se espera, os leitores/membros vão reconhecer e avaliar as maneiras de falar da própria comunidade.

Maingueneau (2020) ainda propõe uma forma de lidar com as múltiplas diversidades de *ethos* numa análise, com base nas três dimensões: categorial, experiencial e ideológica. A dimensão *categorial* compreende a imagem que se faz do locutor, seu papel social, comportamental e ou profissional, que ele assume na instância de produção do discurso, tais como: animador, narrador, estudante, funcionário, professor etc. A dimensão *experiencial* do *ethos* abrange as caracterizações sociopsicológicas estereotípicas, como: inteligente, bobo, lento, original... Já a dimensão *ideológica* remete a posicionamentos, seja qual for o campo discursivo em questão. No campo político: surdo, liberal, conservador, entre outros.

Possivelmente, o coenunciador atribuirá os mesmos *ethé* do narrador aos representados pelos personagens, por efeito do comportamento social predominante na postura escrita. Mas, ambos os *ethé* não se confundem, pois a postura verbal do narrador cumpre com sugerir o *ethos* das figuras personagens, ao mesmo tempo, que os avaliam num tom irônico e sabedor do mundo surdo.

## 2 Análise de *corpus*

# quando os ouvintes falam mal dos surdos surdos:



**Figura 1: Identidade coletiva**

Fonte: <<https://www.instagram.com/p/B17NzJWJpDy/>>. Acesso em: 15 de mar. 2023.

O meme reatualiza humoristicamente uma das cenas imagéticas do curta-metragem “Tom e Jerry”. Nessa cena, as figuras personagens representam a identidade coletiva surda, construída, sobretudo, pela palavra seguida por um sinal gráfico e posicionada logo acima da imagem, que sinaliza quem são e o que fazem os “surdos”. Temos, assim, a identidade coletiva surda, que une um grupo de pessoas para uma mesma causa. Obviamente que pessoas surdas são diferentes individualmente, com identidades distintas, mas, aqui, os *ethé* individuais de cada personagem estão em segundo plano, o que se manifesta é a função agente de um grupo social, isto é, uma identidade que alicerça o coletivo, mediante as ideias suscitadas pelo enunciador: “quando os ouvintes falam mal dos surdos”. Os *ethé* surdos mostrados implicam um conjunto de atitudes, como a identificação uns com os outros, que os unem a lutarem juntos por um mesmo ideal, a identidade surda.

O *ethos* experiencial do locutor/narrador liga a categoria ouvinte a uma posição discursiva ideológica, apresentada por um tom provocante, que convoca, em resposta, o comportamento agressivo (*ethos* experiencial) e político (*ethos* ideológico) da categoria surda, especialmente destacados pela fisionomia de Tom e sua atitude diante do ouvinte.

Os *ethé* encenados também são incorporados pelo leitor/destinatário pela maneira de falar tipificada (quando os ouvintes falam mal dos surdos), que os destinatários pertencentes à

determinada comunidade vão reconhecer. A incorporação é decisiva quando as ideias representadas por cada figura na entrada da casa são saturadas de valores históricos e políticos, são eles: Feneis<sup>3</sup> e comunidade surda.

Singularmente, o *ethos* de Tom (o gato doméstico) em relação a seus parceiros de luta (referências de peso), convida à adesão dos leitores ao universo configurado pelo narrador. Mesmo decisivo, Tom tem uma figura mais esquelética, que, sozinho, pode debilitar-se, enquanto os outros, mais robustos e fortes, vêm somar forças e em conjunto resistirem aos ataques opostos. Verifica-se, então, a função representativa da Feneis e a comunidade surda para avançar ou reforçar a ideia de união, força e resistência por meio do coletivo.

Tomada em sua totalidade, os *ethé* que sugerem a figura de um “arqui-enunciador”, na hipótese colocada por Maingueneau (2020) sobre *ethos* encaixado, não confundir com um autor de “carne e osso”, é uma instância que organiza a mensagem para a difusão e a participação coletiva em rede. A seleção vocabular em tom informal aponta essa postura ideológica em relação aos destinatários em potencial, sendo possível perceber nele um grau de proximidade com a comunidade.

Considerando a cenografia, que se constitui pela fala do narrador e do comportamento das figuras personagens, se encena um *ethos* tipificado de como os surdos falam e agem. Isso já infunde no arqui-enunciador um caráter irônico pela referência prototípica do mundo surdo. Há de se salientar que essa constituição de um *ethos* irônico não é independente da cena genérica imposta por esse gênero, meme.

Por um lado, mesmo que o *ethos* das figuras personagens interatue com o *ethos* do narrador, não se pode confundir o *ethos* da identidade coletiva mostrada à postura irônica surgida na enunciação. Possivelmente, esse tom pode ser interpretado negativamente pelos leitores, inclusive, podendo criticar pela fala generalizada com que o arqui-enunciador/enunciador aborda o termo “ouvintes”.

Tomemos como exemplo um destinatário consciente dos estudos surdos e culturais, ele pode criticar a insistência na oposição binária entre surdo e ouvinte, por suscitar, sobretudo, uma natureza de um grupo dominado e em face dele um grupo dominante.

Essa etapa faz parte do processo interativo do meme, cuja produção de significados são (co)construídos entre o locutor (reconhecível ou não) e o público que consome a mensagem. Mas, o processamento do *ethos* nem sempre é estável, diferentes leitores/destinatários/usuários irão constituir diferentes referências na interpretação.

Nesse exemplo, começamos perceber por meio do *ethos* coletivo, a necessidade de conformar um discurso que privilegia as conexões surdas em detrimento de outras. Esse discurso se reforça no meme a seguir:

---

<sup>3</sup> A Feneis - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, é uma entidade mais representativa na comunidade surda brasileira, tem por finalidade a defesa de políticas linguísticas, educação, cultura, emprego, saúde e assistência social em favor da comunidade surda. A Federação desde sua criação (1987) tem contado com a administração de diretores surdos, considerando sua resolução na autodeterminação de assumir os problemas de forma direta e decisiva à despeito das dificuldades que possam existir relacionadas à comunicação (RAMOS, 2014).



Figura 2: Deaf culture

Fonte: <<https://makeameme.org/meme/learning-about-deaf>>. Acesso em: 15 de mar. 2023.

Este meme revela a presença de uma fala tipificada representada pela figura de um locutor, além de envolver dicotomias polarizadas, como “deaf culture”/“hearing people” (cultura surda/pessoa ouvinte), que pode ser vista como uma luta para manter o poder para si, onde a essência da cultura é algo que existe e pertence a apenas um grupo, comunidade surda. As autoras Klein e Lunardi (2006) explicam que é frequente nas diferentes narrativas sobre a constituição da comunidade surda a referência à centralidade de uma identidade e de uma cultura surda.

Essa necessidade de cristalização vai conformando um discurso acerca do ser surdo, a quem pertence o estatuto de ser nomeado Surdo, com letra maiúscula, subjetivado por uma condição cultural, que, na maioria das vezes, centraliza o uso da Língua de Sinais, como marca “autêntica” das culturas surdas (KLEIN; LUNARDI, 2006, p. 16).

Trata-se aqui de valores que moldam uma maneira de ser, “porque a *maneira de dizer* implica uma *maneira de ser*” (MAINGUENEAU, 2020, p. 14, grifo do autor). A partir da interação de pistas textuais, verbais e visuais se negocia o *ethos* surdo militante.

O texto é conduzido por um *ethos* contador aborrecido e entediado, conforme representado pelo ato de revirar os olhos da figura imagética e do tom locutório, o que pode vir a suscitar um riso rebaixador. Todavia, esse *ethos* está em segundo plano, pois destacam-se traços mais específicos da comunidade, associados aos “estereótipos linguísticos, maneiras de falar tipificadas que, se espera, destinatários pertencentes a determinada comunidade vão reconhecer e avaliar” (MAINGUENEAU, 2020, p. 22). Com efeito, o discurso direto do enunciado “aprendendo sobre a cultura surda, apenas com pessoas ouvintes” (tradução nossa) em um tom aborrecido, caracteriza as crenças e os valores políticos de comunidades surdas globais, consolidados em uma cultura autêntica, pura, compartilhada apenas por pessoas surdas. Essa dimensão experiencial do *ethos* aborrecido conforma o posicionamento ideológico do *ethos* militante.

O *ethos* militante revela um grupo marcado por pressões/posições sociais, históricas e ideológicas, e que mantém com outro grupo relações de luta, diferenças e forças que se opõem. Além disso, serve de modelo para seus pares, reforçando determinados comportamentos dentro da comunidade. O meme a seguir desvela esse lado mais sombrio da comunidade.

## comunidade surda, segundo a mente dos ouvintes



**Figura 3: Comunidade surda**

Fonte: <<https://www.instagram.com/p/Bxd4jHPpCH-/>>. Acesso em: 15 de mar. 2023.

De forma icônica, o meme mostra uma representação do *habitat* natural de animais selvagens. Diferentes bichos se agrupam em uma relação harmoniosa até mesmo em relação ao maior predador entre eles, o homem. A constituição da cena é fluida, relaxante, em que seres de diferentes portes e personalidades convivem em perfeita harmonia.

Contudo, o *ethos* encarnado pela figura do arquienuciador representa livre e diretamente a fala tipificada de uma pessoa surda, tal como exemplificado no enunciado a seguir: “comunidade surda, segundo a mente dos ouvintes”. Convida o leitor a quebrar a harmonia no plano imagético e assimilar outras construções de sentidos: uma projeção singular do mundo surdo em um jogo de subversão e inversão de valores.

Há de considerar, segundo Maingueneau (2020), que o locutor nem sempre fala de si mesmo enquanto *ethos* dito, e sim como ele se mostra na enunciação. No meme exposto, não é o que o locutor diz de si mesmo enquanto enuncia, mas como ele se mostra de forma espelhada e invertida pela mente do outro ouvinte. Ele se mostra quando projeta determinado *ethos* à comunidade surda, e de forma mútua cria uma identidade própria que não existe fora dela. Essa é

uma estratégia de o locutor orientar o discurso de forma a sugerir através dele certa identidade (MAINGUENEAU, 2008).

A noção de *ethos* encaixado nesta análise ainda é relevante, pois o leitor acessa o *ethos* representado por meio do tom locutório do enunciador. A maneira como o enunciador topicaliza parte do enunciado “comunidade surda...,” já marca a seguinte informação “segundo a mente dos ouvintes”, em um tom debochado para a cena imagética. Essa qualidade locutória do enunciador o caracteriza como uma figura que é ou foi participante da comunidade, calejado dos valores e da maneira de falar de seus pares.

Portanto, o tom do locutor interage com um *ethos* zombeteiro, que subverte a realidade construída e refletida pela mente ouvinte, põe em perspectiva as discórdias, o antagonismo conhecido na comunidade; há relações de poder, de diferenciações entre os sujeitos, concessões e conflitos. Nesse caso, a comunidade surda, com todas as suas armadilhas e lados sombrios, evidencia uma história marcada por uma luta de poderes e saberes, expõe episódios, fragmentações, deslocamentos e integra um sistema de diferenças próprio à coexistência entre os sujeitos.

Por isso, é possível apreender, em um nível secundário, um *ethos* mentor, já que ao mencionar pessoas ouvintes, o enunciador alerta um possível membro/destinatário despreparado no mundo da comunidade surda. Sendo assim, a função cenográfica, por meio da junção verbal e não verbal, encena essa característica ingênua dos personagens-ouvintes, atribuindo a eles, o *ethos* iludido por uma fantasia.

O *ethos* projetado na parte visual segue a mesma orientação discursiva da diferença: o único animal racional se encontra em uma posição privilegiada, no centro do palco e numa altura mais elevada em comparação com os animais não racionais presentes. Por si só, isso já evidencia um desequilíbrio nas relações individuais ou mesmo uma transgressão no plano harmônico. O que permitiria essa coexistência entre os seres seria se todos compartilhassem de uma mesma linguagem. E, sabemos que a língua de sinais é o principal elemento aglutinante da comunidade surda, relevante nos processos de identificação entre seus pares (SÁ, 2006). Todavia, os *ethé* da diferença suscitada visualmente pela imagem remixada, evoca uma relação desigual entre os sujeitos, revela as fissuras no interior da comunidade, coexistindo identidades coletivas plurais, móveis e muitas vezes desarmônicas.



## Aeromoça:\*boceja\*

### Passageiros surdos:



**Figura 4: Pessoas visuais**

Fonte: <<https://br.ifunny.co/picture/aeromoca-boceja-passageiros-surdos-h7ieu9BF7>>. Acesso em: 15 de mar. 2023.

Se nesse meme, apenas a imagem do cachorro de porte pequeno fosse levada em consideração, complicaria a construção de sentidos e referências intertextuais pelo leitor/destinatário. Sendo assim, a figura do narrador/enunciador cumpre com seu papel de ativar o imaginário do qual o *ethos* é constitutivo e que dá acesso ao leitor. Ou seja, no ato da leitura verbal ou visual, o destinatário incorpora os *ethé* que orienta a uma ação responsiva, seja de concordância ou discordância com a mensagem do meme.

Por meio do narrador, é possível construir a figura do cachorro como um personagem passageiro de algum avião, perturbado e olhando desesperadamente para a aeromoça. Simplesmente a figura do narrador encaixado permite ao leitor desenvolver a narrativa da enunciação, complementando com os elementos visuais representados.

Primeiramente, o narrador apresenta a personagem que incita o clímax na narrativa, a aeromoça e o que ela está fazendo no momento, ilustra o comportamento dela entre dois asteriscos (\*), indicando, assim, a realização de um ato involuntário: o bocejo. Logo abaixo, entra em cena outros personagens: os passageiros surdos e a reação desesperada deles ao observar a funcionária.

O narrador como um conhecedor da cultura surda, ativa o *ethos* debochado considerando um dos artefatos da cultura surda, a experiência visual. Os passageiros são surdos, e nessa condição, o *ethos* surdo são pessoas visuais, que percebem o mundo através de seus olhos e de tudo o que ocorre ao redor. Perlin e Miranda (2003) explicitam a experiência visual de pessoas surdas que utilizam a visão em substituição total da audição, pelo modo diferente de se expressarem, de conhecerem o mundo e responderem a ele.

Ao visualizar o bocejo, os movimentos orofaciais se assemelhariam a um grito. A perturbadora cena na perspectiva dos passageiros surdos é suficiente para lançarem um grito de desespero no avião. Logo, a organização composicional do meme amplifica a mensagem de pessoas visuais numa postura humoristicamente debochada.

### 3 Considerações em aberto

Ao capturarmos as diversas projeções *ethoicas* nos memes da comunidade surda, acabamos por exceder a noção de *ethos* encaixado, como apresentada por Maingueneau (2020). Mas o *ethos* não pode funcionar do mesmo modo numa peça de teatro, num site de relacionamento ou num meme imagético, como propõe Maingueneau (2020, p. 8), “é preciso ‘dessubstancializar’, renunciar a ver no *ethos* um elemento bem delimitado e estável”.

Galinari (2012), no artigo *Sobre ethos e AD: Tour teórico, críticas, terminologias*, chega a falar de *ethos* de outrem, as “imagens de outrem” em contraste as “imagens de si” daquele que enuncia, estendendo outra possibilidade de apreensão de *ethos* no plano teórico da Análise do Discurso. Contudo, a proposta do autor sem o delineamento de um conceito teórico foi insuficiente para levantarmos essa possibilidade no presente trabalho.

Outro artigo, intitulado *Ethos atribuído por enunciadores*, de Sírio Possenti (2020), é promissor no campo dos estudos de *ethos* discursivo, porque leva em consideração aqueles que avaliam os *ethé* de outrem. (eles escrevem ou falam em diversas posições: de repórter, de autor, de locutor, de ouvinte etc.).

Não obstante, percebemos a constituição de uma identidade enunciativa nos memes analisados. Com base em Maingueneau (2008):

em última instância, a questão do *ethos* está ligada à da construção da identidade. Cada tomada da palavra implica, ao mesmo tempo, levar em conta representações que os parceiros fazem um do outro e a estratégia de fala de um locutor que orienta o discurso de forma a sugerir através dele certa identidade. (MAINGUENEAU, 2008, p. 59-60).

E a instauração dessa própria identidade, levando em conta a figura do locutor representante ou a figura dos personagens representados, remete a forças que se opõem e que se estabilizam dentro do sistema social/cultural da comunidade. São discursos na e pela comunidade surda que negociam as constituições *ethé* da identidade em dois níveis distintos:

— Ele é cristalizado: o discurso centraliza o coletivo em uma identidade estável e unificada, no sentido de fortalecer os laços comunitários e o ideário de uma identidade cultural e linguística singular.

— Ele é subversivo/indisciplinado: o discurso busca representar as vozes heterogêneas que se cruzam com o ideal imposto, tornando-as frágeis e que se hibridizam no contato com o outro, configurando diferentes constituições de sujeitos.

As categorias apresentadas na análise são uma maneira de compreender como as identidades e as crenças da comunidade são construídas nos memes. Podemos perceber um agenciamento comunitário, considerando as seguintes categorias semântico-discursivas: onde uma essência cultural e visual incentiva os sujeitos *surdos* a manterem os laços sociais entre si, distantes da cultura *ouvinte*, estes falantes de uma língua oral auditiva.

Contudo, ao lado do coletivo, da centralização cultural-ideológica (ser surdo), encaminha o trabalho intermitente dos processos identificatórios na formação de pessoas surdas, da descentralização cultural-ideológica. É o *ethos* indisciplinado, que, apesar do pertencimento à

comunidade, reflete em seus enunciados relações comunitárias não homogêneas, muito menos positivas.

Compreendemos também que, por meio do humor e suas estratégias discursivas (ironia, paródia, exagero), os memes se manifestam como palco de atuação de vozes plurais e heterogêneas, sugerindo que as construções dos *ethé* evidenciam que o compartilhamento de uma língua não é a única qualidade que constitui os sujeitos, mas também os lugares de onde esses sujeitos falam, onde as diferenças se mesclam e se configuram nas relações entre sujeitos, relações de poderes, de luta, de aliança, de antagonismo e de identidades que se deslocam ou se hibridizam no contato com outro, seja surdo ou ouvinte.

Nessa perspectiva, entendemos que a identidade (seja ela coletiva, singular, plural, móvel), é uma construção no interior das práticas de uma comunidade, que mobiliza o sujeito do discurso a assumir posições as quais os membros reconhecem e legitimam os enunciados. É a produção de sentidos, suscitando agrupamentos e defasagens, constituindo referências a uma organização comunitária.

Ademais, os artefatos imagéticos partilhados no presente trabalho, são produtos da comunidade surda na Web. Sendo assim, importa dar destaque às *vozes do sul* (MOITA LOPES, 2006), afastando-se de um estudo de caráter etnocêntrico e constituindo um *corpus* que englobasse a periferia, o olhar desse grupo no âmbito das redes sociais.

## Referências Bibliográficas

FELIPE, Tanya Amara. *Libras em contexto: curso básico*, livro do estudante cursista – Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. São Paulo: MEC; SEESP, 2011.

GALINARI, Melliandro Mendes. Sobre ethos e AD: tour teórico, críticas, terminologias. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 28, n. 1, 2012, p. 51-68. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/6tHNjH8vCqnQxpb5BfmY69j/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2023.

KLEIN, Madalena; LUNARDI, Márcia Lise. Surdez: um território de fronteiras. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, 2006, p. 14-23. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/787>. Acesso em: 23 fev. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. *Variações sobre o ethos*. Tradução Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-E-Silva (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-107.

PERLIN Gladis Teresinha Taschetto; MIRANDA Wilson. Surdos: o Narrar e a Política. *Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos*, Florianópolis, nº 5, 2003, p. 217-226. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249>. Acesso em: 23 fev. 2023.

POSSENTI, Sírio. Ethos atribuído por enunciadores. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v.18, n. 3, 2020, p. 3-14. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/7931>. Acesso em: 23 fev. 2023.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua, discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, Clelia Regina. *Olhar surdo: orientações iniciais para estudantes de Libras*. 1.ed. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2014.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em libras*. Tradução Gustavo Gusmão. 1.ed. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021. [livro eletrônico]. Disponível em: <http://www.literaturaemlibras.com/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

WIGGINS, Bradley E. *The Discursive Power of Memes in Digital Culture: Ideology, Semiotics, and Intertextuality*. Routledge: Taylor & Francis Group, 2019.

Submetido em 17/03/2023

Aceito em 11/05/2023